

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**AS BRINCADEIRAS NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO
INFANTIL**

RISOLANGIA RIBEIRO ALEXANDRE

**CAJAZEIRAS – PB
NOVEMBRO - 2010**

RISOLANGIA RIBEIRO ALEXANDRE

AS BRINCADEIRAS NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO
INFANTIL

Monografia, apresentado a disciplina Estágio Supervisionado em Docência, como exigência parcial para conclusão do curso de pedagogia no período letivo de 2010.2, na Universidade Federal de Campina Grande Campus de Cajazeiras.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS – PB
NOVEMBRO 2010



A381b Alexandre, Riolangia Ribeiro.
As brincadeiras no desenvolvimento e aprendizado infantil / Riolangia Ribeiro Alexandre. - Cajazeiras, 2010.
41f. : il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Brincadeiras-método de instrução. 2. Criança e brincadeiras. 3. Jogos-processo ensino-aprendizagem. 4. Desenvolvimento infantil. 5. Educação Infantil. I. Sousa, Débá Suênia da Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.33

A Deus, pelo dom da vida, da inteligência, do discernimento e da perseverança que me deste. Pela coragem de buscá-Lo a cada dia de minha vida, e a minha família e amigos que me ajudaram e me deram forças para suportar toda dificuldade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e salvador da minha vida, por ter me criado, por toda a Sua providência, paciência, misericórdia e Seu simples amor que me dedica a cada instante, em cada amanhecer, em cada respirar da minha vida. E que me proporcionou a capacidade de buscá-Lo como único e verdadeiro tesouro.

Aos meus pais, que são um pedaço de mim, me amaram e me incentivaram, encorajando nos momentos de desânimo, de cansaço, aumentando o desejo de realizar os meus sonhos. Pela doação de vida deles primeiro por aceitar que eu nascesse e depois para que todos os meus sonhos se realizem da melhor forma possível. Amo muito vocês.

A minha irmã, que apesar das nossas desavenças tenho muito amor e carinho. Deus gravou você no meu coração e jamais vou deixar de te amar. Essa vitória também é para você.

Aos meus irmãos e amigos da Comunidade de Vida (Comunidade Católica Siloé), pela oração, força, companheirismo, paciência, incentivo, confiança, auxílio e por não me deixarem desistir no meio do caminho. Vocês fazem parte da minha vida. Obrigada pela ajuda na correção ortográfica e tradução do resumo.

A Professora Ms. Débia Suênia da Silva Sousa, por insistir comigo e acreditar nas minhas potencialidades e me incentivar em cada passo.

As colegas de sala, que caminharam comigo durante esses quatro anos. E que foram amigas, companheiras, suporte, força e coragem para que eu conseguisse realizar esse sonho.

A busca do saber torna-se importante e prazerosa quando a criança aprende brincando. É possível, através do brincar, formar indivíduos com autonomia, motivados para muitos interesses e capazes de aprender rapidamente. (MALUF, 2003).

RESUMO

O presente trabalho monográfico teve como objetivo primeiramente conhecer um pouco sobre o desenvolvimento e a aprendizagem que as brincadeiras proporcionam na infância, em seguida analisar posicionamento dos educandos no momento de estudar brincando. O mesmo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Vitória Bezerra, situada na cidade de Cajazeiras PB, com uma turma de 38 alunos do 4º ano do ensino fundamental I. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: a observação, entrevista, aula – teste, documento de memória e planos de aula. As aulas com brincadeiras e jogos relamente chamam muito a atenção das crianças, no estágio tudo ficou comprovado, os educandos ficam mais sensíveis a aprendizagem. Pode-se concluir que desde o nascimento das brincadeiras, as mesmas proporcionam um bom desenvolvimento e uma aprendizagem fantástica, mas infelizmente muitas crianças ainda não absorveram a idéia de ter as brincadeiras e os jogos como instrumento de conhecimento.

Palavras – chave: Brincadeiras. Desenvolvimento. Aprendizagem. Infância.

ABSTRACT

This monograph aims to first know a little about the development and learning the games provide a child, then consider placement of students in the study kidding. It was held at the Municipal School of Childhood Education and Elementary Victoria Bezerra, located in the city of Cajazeiras PB, with a class of 38 students of 4th year of elementary school I. Were used as instruments of data collection: observation, interview, class - test, document memory and lesson plans. The lessons and games with relamente playfully call the attention of children, it was proved on stage, the students become more sensitive to learning. It can be concluded that since the birth of the games, they provide a good development and a fantastic learning, but unfortunately many children have not yet absorbed the idea of having the fun and games as an instrument of knowledge.

Key - words: Joking. Development. Learning. Childhood.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I - CAMINHO METODOLÓGICO.....	10
1.1 – Local da pesquisa.....	11
1.2 – Sujeitos da pesquisa.....	11
1.3 – Instrumentos de coleta de dados.....	12
1.4 - Tipo de pesquisa.....	13
1.5 – Abordagem da pesquisa.....	14
1.6 – Momento da pesquisa.....	14
CAPÍTULO II – A CRIANÇA E A BRINCADEIRA.....	16
2.1 – O que é a criança.....	17
2.2 – As brincadeiras e o lúdico.....	17
2.2.1 – Brinquedos.....	18
2.2.2 – Os jogos tradicionais no Brasil.....	19
2.3 – A finalidade da brincadeira na vida da criança.....	20
2.4 – Categorias das brincadeiras.....	21
2.5 – As brincadeiras no desenvolvimento da criança.....	23
CAPÍTULO III – COMO AS BRINCADEIRAS SÃO VISTAS NA REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA.....	24
3.1 – O entendimento da criança em relação às brincadeiras.....	25
3.2 – O valor das brincadeiras na infância e vida escolar.....	27
CAPÍTULO IV – MEMÓRIAS DE UMA PRÁTICA RECENTE.....	29
4.1 – A prática dentro da formação profissional.....	30
4.2 – As brincadeiras colocadas em prática na sala de aula.....	32
CONCLUSÃO.....	37

REFERÊNCIAS..... 38

ANEXOS..... 40

INTRODUÇÃO

Para muitos adultos as brincadeiras são classificadas como perda de tempo e, principalmente, se forem utilizadas na sala de aula. Já a criança tem a visão de uma simples diversão.

A partir do projeto sobre “A importância das brincadeiras no desenvolvimento e aprendizado infantil” que foi feito no 3º período do curso de Pedagogia, na UFCG Campus de Cajazeiras PB, descobri que as brincadeiras proporcionam um desenvolvimento físico, psicológico, social, intelectual, bem como o aprendizado que traz na sua essência.

O que mais chamou atenção foi o valor das mesmas na vida de um indivíduo. A criança brinca porque é divertido e pronto, não percebe nem imagina que por trás da diversão há um desenvolvimento e um aprendizado não-intencional acontecendo, ocorre por acaso, portanto o prazer que a criança sente ao brincar não pode ser ignorado, mas, sim estimulado.

É, precisamente, com este estímulo às brincadeiras que será realizada essa pesquisa na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Vitória Bezerra, localizada na Avenida Francisco Matias Rolim no bairro Belo Horizonte na cidade de Cajazeiras, como são trabalhadas as brincadeiras na sala de aula.

A partir do conhecimento sobre a importância das brincadeiras na vida do indivíduo é que surgiram os seguintes questionamentos: Como as crianças têm vivido as brincadeiras na sala de aula? As brincadeiras têm sido voltadas para a aprendizagem e desenvolvimento da criança ou estão sendo vistas de qualquer forma? De que maneira as brincadeiras têm contribuído no aprendizado e desenvolvimento da criança?

Diante destes questionamentos, será trabalhado da seguinte maneira: investigar por meio de fontes teóricas e práticas as influências das brincadeiras na vida das crianças; pesquisar as fases de desenvolvimento da criança; identificar a finalidade das brincadeiras nas fases de desenvolvimento que as mesmas proporcionam dentro da sala de aula; identificar por meio das brincadeiras o aprendizado adquirido pelas crianças em cada disciplina; investigar as brincadeiras adequadas para serem trabalhadas em sala de aula com as crianças.

Com base em observação e entrevista já realizadas e também em algumas realidades de sala de aula que já são bastante conhecidas, é possível afirmar que as brincadeiras não são muito utilizadas, em sala de aula e, quando são utilizadas é como prêmio pelos alunos terem se comportado na aula ou como educação física.

Este trabalho monográfico está estruturado em capítulos, seguidos da conclusão, referências e anexos.

O primeiro capítulo trata do percurso metodológico, apresentando o local e sujeitos da pesquisa; os instrumentos de coleta de dados utilizados para as mesmas tais como: a observação, a entrevista, o diário de campo e o caderno de planos de aula etc.; a abordagem da pesquisa que é quanti-qualitativa e o tipo de pesquisa desenvolvida no estudo de caso.

O segundo capítulo aborda que a brincadeira dá o apoio para que a criança desenvolva uma aprendizagem e um desenvolvimento mais profundos e interessantes a ela; a categoria das brincadeiras na infância e o papel da brincadeira na vida da criança.

O terceiro capítulo destaca o pensamento e a acolhida da criança em relação às brincadeiras utilizadas na hora da aula e a importância que se dá as mesmas no momento de aprender os conteúdos na escola.

O quarto e último capítulo é a junção do tema com a prática na sala de aula, no caso as vivências do Estágio Supervisionado em Docência.

São muitas as contribuições deste trabalho para a vida acadêmica. As brincadeiras na sala de aula deveriam fomentar a vontade e o desejo das crianças de aprenderem. Assim, é que nasce o desejo de trabalhar com os alunos a prática das deste tema na sala de aula. Este trabalho, aos poucos, tem aumentando a minha capacidade de escrita, de pensamento crítico, e a vontade de pesquisar mais teorias e mais práticas. É, na verdade, um estímulo à prática pedagógica.

CAPÍTULO I

1. CAMINHO METODOLÓGICO

Neste capítulo é abordado o local onde foi desenvolvida a pesquisa, os sujeitos da mesma, os instrumentos de coleta de dados como a entrevista, a observação, o diário de campo, o caderno de planos de aula e fontes orais, bem como a abordagem da pesquisa, e o tipo de pesquisa: estudo de caso.

1.1 Local da pesquisa

O presente estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Vitória Bezerra situada na Avenida Francisco Matias Rolim, nº. 587, no bairro Belo Horizonte na cidade de Cajazeiras - Paraíba. Essa escola funciona com 36 funcionários, sendo 18 professores, 3 agentes administrativos, 3 vigilantes, 4 secretários, 2 merendeiras e 6 auxiliares. A escola possui, ao todo, 461 alunos.

Após a reforma de ampliação e restauração no ano de 2002, seu espaço físico se encontra distribuído dessa forma: 7 salas de aula, 3 banheiros (sendo 1 feminino e 1 masculino, para os alunos, e 1 único, para os funcionários), 1 diretoria (onde funciona secretária, sala dos professores, sala de reunião e biblioteca), 1 cozinha, 1 despensa, 2 pequenos pátios para recreação das crianças (bem pequenos mesmo) e 3 caixas de água. Não há laboratórios. Ao redor, é toda murada tendo um portão lateral e um central, não há murais fora das salas de aula, há alguns jogos.

A mesma, apesar de ser bem simples é limpa, é preservada e bem organizada, no que diz respeito ao espaço físico. Localiza-se numa das principais avenidas da cidade, que dá acesso a UFCG e ao centro da cidade, ao lado e também na sua frente há supermercados, moto-taxi, lojas, bares, frutaria, uma escola particular, farmácias, posto de gasolina e padarias. A avenida muito movimentada. Há uma faixa de pedestre em frente a escola, mas os alunos e até mesmo os pais dos alunos não sabem usá-la, param em frente a faixa e esperam todos os carros passarem, mesmo que os carros parem para eles.

Na biblioteca a maioria dos livros são dicionários e o restante são os livros didáticos utilizados por cada turma, estes são utilizados quando os alunos esquecem seus livros em casa.

1.2 Sujeitos da pesquisa

A referida escola, no decorrer de sua história, passa a atender um número maior de alunos, estes vindos dos bairros: São José, Por do Sol, Sol Nascente, Pio X, IPEP,

Belo Horizonte, Conjunto Mariz, Mutirão e Zona Rural. A maioria dos alunos, mais ou menos 80% são muito carentes financeiramente, e alguns deles precisam trabalhar para ajudar nas despesas da família, o que provocou um número maior de repetentes.

A entrevista foi realizada com três alunos do 4º ano do ensino fundamental I, dois meninos e uma menina. Eles ficaram um pouco nervosos no começo, mas no decorrer da entrevista o nervosismo foi passando.

1.3 Instrumentos de coleta de dados

Quatro instrumentos de coleta de dados foram utilizados na pesquisa, a observação, a entrevista, o diário de campo e o caderno de planos de aula, que se encontram dentro das fontes narrativas.

A observação tem o papel de adquirir os dados desejados diretamente sem mediação nenhuma, só o uso da percepção do pesquisador. “A observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação”. (GIL, 2007. p. 110).

O tipo de observação utilizado foi à observação sistemática. Nessa observação é necessário seguir um roteiro para que o pesquisador não fique perdido na hora de observar. Ou seja,

É utilizada em pesquisa que descrevem com grande detalhamento e precisão certos fenômenos. O pesquisador usa um roteiro com informações previamente selecionadas, com base na qual faz seus registros. (MATOS, 2002. p. 60).

Esse instrumento tem o intuito de investigar o comportamento dos alunos no momento da brincadeira na sala de aula, a socialização entre eles, a interação uns com os outros e o desenvolvimento e aprendizagem adquiridos por meio das brincadeiras.

A entrevista é o instrumento de coleta de dados mais fácil, mais conhecido, mais simples, pois mantém um contato direto com o aluno. Também é necessário um roteiro a ser seguido com perguntas sobre o tema. Assim, “pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula

perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação”. (GIL, 2007, p. 117)

O tipo de entrevista utilizada foi a semi-estruturada ou semi-orientada. Esse tipo de entrevista trabalha por tópicos, de modo que o entrevistado fica livre para falar sobre o tema de acordo com o que entende, conhece. Nesse sentido, Matos afirma que: “essa é uma entrevista mais aberta que a estruturada, o que possibilita maior flexibilidade nas respostas e a obtenção de falas que podem enriquecer ainda mais a temática abordada.” (2002, p. 63). Este tipo de entrevista fica aberto para que o entrevistador formule novas perguntas para a melhor obtenção de dados.

A fonte narrativa é um instrumento de coleta de dados muito utilizado para fazer a ligação entre a prática e a teoria.

No campo da pesquisa, as narrativas são utilizadas como instrumento de coletas de dado, pois a investigação de caráter qualitativo tem sido o mérito de explorar e organizar o potencial humano, produzindo conhecimento sistematizado através dele. A pesquisa também é importante para entender a relação dialética entre a teoria e a realidade, pois, ao mesmo tempo em que é uma investigação, representa uma formação. (SANTOS, 2007, p. 15).

A utilização de fontes narrativas para a descrição do estágio é de suma importância, dentro dessas fontes de pesquisa se encontram o diário de campo e o caderno de planos de aula, que foram muito úteis para a construção do capítulo IV.

1.4 Tipo da pesquisa

Como já se conhece há vários tipos de pesquisa, mais extensas, mais curtas, mais profundas, mais básicas. Mas não importa o tipo de pesquisa, o que mais importa é que o trabalho fique completo, que seja bem desenvolvido e bem elaborado.

As monografias são sempre resultados de pesquisas que comportam diferentes níveis de profundidade e extensão, dependendo do objeto de estudo, dos objetivos propostos e da qualificação do pesquisador. Sendo assim, é natural a existência de vários tipos de pesquisas, uma de cunho mais

básico – pesquisas puras – e outras de aplicação mais prática [...]. (TRALDI; DIAS, 2009. p. 44).

O tipo de pesquisa aqui desenvolvido é o estudo de caso. Uma vez que este é “[...] caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. (GIL, 2007. p. 72-3)

O estudo de caso é uma pesquisa bem mais simples, resumida, específica e bem mais detalhada, com poucos objetos de pesquisa e uma quantidade de informações favorável aos dados necessários para que a pesquisa seja completa.

1.5 Abordagem da pesquisa

A abordagem da pesquisa é a quanti-qualitativa, no qual é necessário recolher uma quantidade de dados favorável à pesquisa e também é analisado cada dado ofertado pelo sujeito da mesma.

A pesquisa aborda também a Nova História Cultural, que permite usar as fontes narrativas, como memória de uma prática recente. Por meio da utilização desses instrumentos de pesquisa é possível lembrar fatos importantes no momento do estágio, os quais podem contribuir na pesquisa aqui desenvolvida.

1.6 Momento da pesquisa

A pesquisa foi de suma importância para o estágio, pois a observação possibilitou conhecer melhor os alunos da sala, onde foi realizado o estágio, isto é, conhecer a realidade da turma, o meio em que os alunos estão inseridos, a situação de aprendizagem e desenvolvimento dos mesmos.

Na observação foram obtidos pequenos detalhes da aprendizagem dos educandos para serem utilizados no estágio, daí surgiram algumas idéias de como desenvolver a aprendizagem deles, como trabalhar as brincadeiras mesmo sendo rejeitadas por alguns deles e dos pais.

Com a ajuda da entrevista pode-se saber melhor o que os educandos pensam em relação à aprendizagem, ao gosto pela escola, o relacionamento com a professora e os colegas, sobre a metodologia da professora e de como deveriam ser as aulas. A entrevista foi também aplicada à professora, para obter uma noção de como a docente se orientava com relação às suas aulas. A partir da observação foi desenvolvida uma aula teste para aprimorar a minha prática nessa turma no momento do estágio. Aula esta, que confirmou todos os dados que já haviam sido colhidos.

CAPÍTULO II

2. A CRIANÇA E A BRINCADEIRA

O segundo capítulo está dividido em quatro momentos, inicialmente aborda um pouco da história das brincadeiras, dos jogos e do lúdico. No segundo momento, a brincadeira como suporte para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. O terceiro momento trata de cada categoria da brincadeira e a duração de cada uma na infância. O quarto e último momento aborda a brincadeira dentro do desenvolvimento da criança.

2.1 – O que é a criança?

Convém iniciar este capítulo com uma frase de Velasco: “A criança é a opinião de Deus que o mundo precisa continuar”. (1996, p. 21). Mas, infelizmente não é assim na vida de todas as crianças.

A criança foi por muito tempo, e ainda é, tratada como um adulto em miniatura. Na infância o indivíduo era preparado para a fase adulta, se vestia como adulto, tinha que se comportar como adulto, etc. Velasco ainda fala que: “As crianças brincam de ser. Brincam para esperar o ser adulto”. (1996, p. 45). A criança não é um adulto em miniatura, mas um ser como qualquer outro, alguém que pensa, tem sentimentos e que age mesmo na sua limitação.

Hoje em algumas famílias não é muito diferente, os pais colocam seus filhos para fazerem diversos exercícios físicos para ocupar o tempo, esquecem que a criança precisa mesmo é de tempo para brincar, para poder aprender a se socializar e a desenvolver seu intelecto.

E quando se trata de uma família pobre então, a criança muitas vezes precisa trabalhar para trazer comida para casa, e não sabe nem o que é brincar. Há crianças tão pobres que não têm sequer um brinquedo, por estar trabalhando e não tem tempo para brincar.

2.2 As brincadeiras e o lúdico

Antigamente, as pessoas não tinham uma visão consciente sobre a importância das brincadeiras na vida das crianças, nessa época não existia diversão ao jogar, pois os jogos eram organizados para fins práticos, ou seja, o objetivo deles era exclusivamente preparar a criança para a vida adulta. Com o passar do tempo alguns psicólogos como o inglês Spencer, se preocuparam em estudar a interação com a brincadeira e a influência desta na vida das crianças.

Miranda afirma que, segundo Ruffier: “os jogos eram algo criativo para as crianças, nessa perspectiva as mesmas não tinham consciência de que através dos jogos elas exercitavam o corpo brincando” (1993, p. 115). E por isso mesmo é que não se dava a importância necessária aos jogos e brincadeiras, nem às crianças.

De acordo com Grillparzer, citado por Kishimoto (1993): “O jogo traz para o homem lembranças marcantes que levam a ‘viajar’ no passado, portanto, o homem é por natureza um ser brincalhão, que gosta de se divertir e que não apresenta muita diferença da criança.” Então, o adulto deveria ter a consciência de que rejeitando as brincadeiras na vida das crianças é como se estivesse negando a sua própria essência. (p. 58).

A brincadeira já existe na vida de um indivíduo desde o ventre da mãe. Quase todos os movimentos que a criança faz são uma diversão. Após o nascimento, nos primeiros meses, a criança usa o seu próprio corpo para brincar. No século XVI, alguns humanistas começaram a notar que, ao interagir com os jogos e brincadeiras, a aprendizagem e o desenvolvimento acontecia de forma gradativa, tornando-os instrumentos de sua aprendizagem mesmo sem saber ou sem ter a intenção.

A palavra lúdico tem sua origem do latim “ludus” que significa “jogo”. Toda criança tem a necessidade de brincar, de aprender e se desenvolver e a responsabilidade de proporcionar esses momentos não é só da família, mas também da escola. Aí entra o papel do professor, no que diz respeito a trabalhar o lúdico (jogos e brincadeiras) no momento da aula.

“A escola pode contribuir muito para o resgate do lúdico na infância, deve haver nela um trabalho educacional que possibilite o aprendizado e o desenvolvimento infantil” (ANGOTII, 2006, p. 108). Nesse caso é trabalho da escola recuperar o ensino lúdico, para que as brincadeiras e os jogos possam fazer parte da vida da criança sem nenhuma contraposição por achar que aula não é hora de diversão.

2.2.1 – Brinquedos

Houve um tempo, não muito distante, em que as crianças confeccionavam seus próprios brinquedos, mas com a evolução dos modos de produção, antes os brinquedos eram artesanais e agora industrializados, foi se perdendo a criatividade da criança de criar, inventar.

Antigamente as crianças tinham mais imaginação, pois suas bonecas não falavam, seus carrinhos não andavam sozinhos, assim as meninas desenvolviam a fala e trabalhavam a sua imaginação e pensamento, os meninos desenvolviam atividades

físicas ao empurrar os carrinhos no chão. Atualmente as bonecas falam pelas meninas não dão a oportunidade de a criança exercitar a mente;

Os carrinhos já fazem toda função dos meninos. O brinquedo hoje executa todo o trabalho pela criança. Para ela o brinquedo tem um valor afetivo, o que deixa marcas na sua infância e reflete na fase adulta.

Com a imaginação a criança pode transformar tudo em brinquedo, uma pedra pode ser uma boneca ou um carrinho. Os brinquedos têm o poder de estimular as crianças em suas faculdades físicas e mentais, este estímulo consiste em a criança aprender a inventar, analisar, comparar, diferenciar e classificar.

2.2.2 – Os jogos tradicionais no Brasil

Os jogos foram trazidos para o Brasil através dos portugueses na época da escravidão. Os primeiros tinham como característica a sua transmissão de uma geração para outra a seguinte, possuíam também certa conservação no modo de elaboração do jogo com algumas mudanças feitas por crianças com o passar do tempo. A finalidade dos jogos naquela época, era manifestar espontaneamente a cultura popular, tendo a função de perpetuar a convivência social através da cultura infantil.

Segundo Kishimoto 1993:

... alguns jogos como a pipa, foram introduzidos pelos portugueses no século XVI e eram praticados primeiramente pelos adultos com fins práticos, ou seja, visando-se a utilidade para a vida em sociedade. Passando-se os séculos, os brinquedos tiveram fins de diversão infantil. (p. 89)

No entanto, nessa mesma época (século XVI) os jogos infantis não tinham nenhuma importância para os estudiosos, pois nesse tempo as crianças, principalmente os meninos de engenho, tinham uma criação bem rígida e, aos sete anos de idade já tinham que se comportar como “pequenos adultos”.

Há alguns jogos que estimulam o exercício físico e que não eram valorizados pela classe dominante, pois eram atribuídos apenas às pessoas ignorantes e grosseiras.

Tais pessoas eram os escravos, que deviam trabalhar o físico para o trabalho braçal nos engenhos e nas casas de suas senhoras.

O sistema era produzido nas brincadeiras das crianças, ou seja, os moleques filhos de escravos desempenhavam a função de “leva – pancada” para satisfazerem os prazeres dos meninos de engenho.

Outro momento reproduzido da escravidão era o da brincadeira montar, em que os meninos brancos brincavam montando em carneiro, porém quando os carneiros faltavam, os meninos usufruíam dos negros para sua montaria. Havia também a brincadeira do belisco, no qual as crianças beliscavam umas as outras, sendo que os moleques beliscavam devagar, por medo de apanhar, enquanto os brancos tinham o maior prazer em beliscar os negros com toda a sua força.

Tanto os moleques filhos de escravos, quanto os meninos brancos, filhos dos senhores de engenho, tinham uma imaginação bem fértil. Desse modo, eles a usavam na modificação criativa dos jogos indo além do que o próprio brinquedo proporcionava ou finalizava. Neste sentido não se pode dizer que os jogos não são um auxílio para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, principalmente no momento da aula.

2.3 – A finalidade da brincadeira na vida da criança

Se as brincadeiras elaboram o pensamento do indivíduo, questiona-se, por que não juntar o útil ao agradável? Por que não unir o que desenvolve e diverte à necessidade do ser humano? Por que não brincar enquanto estuda e aprende?

A educação lúdica está distante da concepção ingênua de passa tempo, brincadeira vulgar, diversão superficial. Ela é uma ação inerente na criança, no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutação com o pensamento coletivo. (ALMEIDA, 1998. p. 13.).

É por meio da brincadeira que a criança desenvolve a sua coordenação motora e as suas áreas psicológicas, humana, e social. Por isso é um grande erro ver a brincadeira

como perda de tempo, mesmo em crianças maiores ainda que a criança veja a brincadeira como simples diversão.

A criança brinca se divertindo, não tem a consciência de descobrir como funcionam as brincadeiras ou como acontece o desenvolvimento proporcionado por elas. Mesmo que a brincadeira seja organizada por um adulto, no intuito de fazer com que as crianças aprendam algo ou se desenvolvam em alguma área, não vai mudar a visão da criança de vê-la como simples diversão. E não é porque a criança a vê como simples diversão que a brincadeira perde o seu valor.

O professor precisa estimular o prazer que a criança sente ao brincar e não menosprezá-lo, mesmo que os pais, muitas vezes, prefiram que seus filhos não brinquem na sala de aula.

A infância não é uma preparação para a vida adulta, a criança não é um adulto em miniatura, mas é uma vida que está se desenvolvendo para se tornar um adulto. Ela é um ser como qualquer outro, que pensa, age, sente, fala, se expressa, cria, tem responsabilidades mesmo que limitadas, etc. É na infância que o indivíduo passa pelas emoções mais fortes.

Criança que brinca na infância se torna um adulto saudável psicologicamente, trabalha e ama de forma equilibrada. Valesco 1996, confirma essa afirmação:

Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais e intelectuais. Quando a criança não brinca, ela deixa de estimular, e até mesmo desenvolver suas capacidades inatas e pode vir a ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando brinca à vontade tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado e afetuoso. (p. 78).

A finalidade da brincadeira na infância é de dar sustentabilidade ao desenvolvimento global da criança e a seu aprendizado nos anos iniciais de sua vida escolar, para que, na fase adulta, tenha controle sobre si mesma.

2.4 Categorias das brincadeiras

A brincadeira *sensório-motora* ocorre durante os 12 primeiros meses de vida, o início do desenvolvimento da coordenação motora. São exemplos dela: pegar ou mover

objetos, colocá-los na boca, jogar no chão, etc. A criança nessa idade tem a sua coordenação motora pouco desenvolvida, chega até a ser engraçado quando ela tenta pegar um objeto e não consegue acertar a direção. Neste ponto entra a importância de brincar com o bebê. Se um adulto coloca um brinquedinho na frente da criança, esta tentará pegá-lo, o que pode vir a ser uma diversão para o bebê.

Primeira brincadeira de faz-de-conta: inicia-se no segundo ano de vida, a criança começa a usar objetos na perspectiva de faz-de-conta. Exemplo: uma colher ou xícara de brinquedo é utilizada pela criança para alimentar a si própria. Entram em cena as brincadeiras de casinha, de boneca, em que a criança faz daqueles brinquedos a sua realidade.

Elaboração com objetos: a criança com 15 a 21 meses começa a associar o faz-de-conta com brinquedos e com outras pessoas e não mais apenas consigo mesma. Por exemplo: um pente de brinquedo penteia o cabelo da boneca e também o da sua mãe. A criança vai sentir a necessidade maior de trazer aquelas brincadeiras para a vida real. Outro exemplo são as cozinhas de brinquedo, a criança usará comida de verdade para cozinhar nos brinquedos ou então comida de brincadeira para comer de verdade.

Brincadeira de faz-de-conta com substituição: a criança começa a substituir objetos. Exemplo: uma caixa de papel pode virar um carrinho, uma caneta pode se tornar um avião. É nessa fase que a criança desenvolve melhor a sua imaginação, a inteligência e o pensamento, pois ela pode transformar qualquer coisa em brinquedo e vai se divertir como nunca.

Brincadeira sociodramática a criança com cinco anos assume papéis e finge ser outra pessoa, como a: mãe ou o pai; usa roupas, sapatos, bolsas, maquiagens ou outros acessórios dos adultos mais próximos.

Consciência de papéis: por volta dos seis anos a criança já começa a planejar as brincadeiras de faz-de-conta. Cria o seu próprio faz-de-conta, fingindo ser um adulto, um animal, um super-herói, etc.

Jogos com regras: a partir dos sete ou oito anos de idade a criança vai substituindo o faz-de-conta por jogos com regras. Nesse momento ela está com a imaginação, inteligência e outras áreas já bem mais desenvolvidas que antes, então passa a querer algo mais difícil, com regras que tenham que ser cumpridas, assim absorve as regras para sua vida. Começa a associar e descobrir que precisa de regras em tudo o que for fazer.

2.5 - A brincadeira no desenvolvimento da criança

Algumas pessoas vêem as brincadeiras como um momento de diversão que não deve ser praticado em sala de aula. Há também pessoas que entendem a brincadeira como necessária para a vida da criança, mas acham que se deve separar a hora de brincar e a hora de estudar. Fontana e Cruz mostram outra concepção que reforça a concepção anterior: “outra concepção é a de que a criança tem necessidade de brincar, mas que na escola é preciso separar brincadeiras e ‘tarefas sérias’”. (1997, p. 119). Esse pensamento pode ser entendido como uma falta de informação sobre a definição das brincadeiras.

Seja qual for à fase da criança, a brincadeira influencia no seu aprendizado. Portanto:

O brincar, da mesma forma como os distúrbios psicomotores, está no lugar entre o prazer real e sua evocação. Enquanto o adulto realiza tarefas que lhe promovem prazer (ler, pintar, escrever, etc.), a criança brinca. A infância tem urgência na vida da criança. É nessa fase que o lugar do brincar tem o seu maior projeto – o ser adulto. (VELASCO 1996, p. 25).

Nessa perspectiva, a brincadeira consiste em socializar e tornar a criança um adulto capaz de interagir na sociedade satisfatoriamente.

Ela provoca na criança um desenvolvimento mais complexo de pensamento. Portanto, não há mais dúvidas de que esta aprenda e se desenvolva por meio das brincadeiras.

CAPÍTULO III

3 – COMO AS BRINCADEIRAS SÃO VISTAS NA REPRESENTAÇÃO DAS CRIANÇAS

Este capítulo enfatiza o que a criança pensa sobre as brincadeiras em sala de aula, como também, da importância e da preciosidade das brincadeiras na infância e na vida escolar.

3.1 – O entendimento da criança em relação às brincadeiras

A brincadeira faz parte do desenvolvimento em todas as áreas do ser humano, sem perder suas características e suas diversões. Os jogos e brincadeiras transformam aquela criança insegura e medrosa em um adulto confiante, corajoso e equilibrado, como já foi mencionado no capítulo anterior. Complementando esse entendimento, Snyders apud Almeida diz que: “É preciso organizar o jogo de tal forma que, sem destruir ou sem desvirtuar seu caráter lúdico, contribua para formar qualidades do trabalhador e do cidadão do futuro.” (1998 p.11).

Já que as brincadeiras e os jogos proporcionam tanto desenvolvimento e aprendizado, por que então encontramos tanta resistência por parte das crianças quando juntamos “educação e diversão”?

Após o período de observação e a entrevista, gerou-se uma certa confusão quanto a verdadeira opinião das crianças sobre as brincadeiras, pois os educandos expressam claramente essa confusão. Em um determinado momento da entrevista os educandos disseram que as brincadeiras: “não serve de nada” (Entrevistado I), em outro momento falaram o seguinte: “aprendo mais por meio das brincadeiras” (Entrevistado III).

Dos alunos entrevistados somente 3,5 % reconheceram “vagamente” que a brincadeira é importante na sala de aula. Enquanto os outros 96,5 % ainda vêem as brincadeiras como simples diversão ou prêmio pelo bom comportamento, nesse sentido um dos educandos diz claramente que: “Ela me chama primeiro porque eu sô a mais quieta”.

A brincadeira faz parte da vida escolar da criança em todas as situações e de todas as formas possíveis. Entretanto, muitas vezes, os pais exigem que seu filho estude e não brinque na hora da aula porque escola não é lugar de brincadeira e a partir da visão que os pais passam, as crianças internalizam o mesmo pensamento. Ou seja, “Uma concepção é aquela que pode ser traduzida na frase ‘Criança vai à escola para aprender, e não para se divertir’”. (FONTANA; CRUZ, 1997. p.119).

Algumas crianças são um tanto indecisas e acabam confundindo um pouco, dizem que as brincadeiras não servem de nada nas aulas, mas também dizem que as brincadeiras ajudam a aprender melhor os conteúdos estudados na sala de aula, neste caso, por exemplo, dizem que, “ajuda a aprender” (Entrevistado III). Mas quando se

questiona sobre a importância da brincadeira a resposta é contraditória: “não tem importância” (Entrevistado II). Não dá pra entender direito o que se passa na cabeça dessa criança. Pode-se acreditar que a criança sabe que é bom e divertido brincar, mas há a intervenção do pensamento dos pais interferindo na opinião deles.

Como já foi citado no capítulo anterior, Fontana e Cruz relatam que a criança tem a necessidade de brincar e que na escola não é lugar de brincar. A partir daí, pode-se entender porque é confuso para a criança, entender que se ela tem necessidade de brincar e pode brincar em qualquer lugar, então porque não brincar na escola, que deveria ser um lugar bem atrativo.

Já conhecemos o pensamento de muitos pais, de que as brincadeiras são apenas diversões e não deve ser feita na escola porque é lugar de estudar, inclusive, no momento da aula teste, alguns pais questionaram porque seus filhos estavam brincando e não aprendendo. Se os pais pensam assim e agem dessa forma na frente das crianças, logicamente estas irão absorver o mesmo pensamento dos pais, então a questão é mudar o pensamento dos pais sobre isso.

Os pais precisam entender que o processo de aprendizagem passa pelo processo lúdico durante toda a sua infância e até mesmo adolescência. E dessa forma, a escola como promotora de aprendizagem é um espaço muito propício para as atividades lúdicas. Nesse sentido, é importante que os pais entendam que:

É preciso brincar! É preciso tempo para brincar, espaço que assegura tranquilidade, segurança e sossego suficiente para que possa haver um aprofundamento na brincadeira, para que a criança possa compreender através dela o mundo e as ações humanas quais se inserem cotidianamente. (MALUF 2003, p. 39).

Não teria outro espaço mais propício para juntar diversão e aprendizagem como a escola. Assim, deveriam ser criados momentos em que a criança tivesse aulas mais chamativas e mais gostosas de assistir e participar.

Diante dessa realidade, faz-se necessário questionar como é que mudaremos a consciência dessas crianças em relação à aprendizagem que as brincadeiras proporcionam? Claro que a resposta é simples, tentando, em primeiro lugar, explicar e fazer com que os pais entendam o processo de ensino aprendizagem pela utilização de atividades lúdicas, como as brincadeiras e os joguinhos. Vale ressaltar, alegremente, que há alguns professores que já trabalham em suas aulas com brincadeiras e jogos. Mas,

ainda levará um tempo até que as crianças entendam e percebam o valor, o desenvolvimento e a aprendizagem que há em um simples e divertido brincar.

3.2 – O valor das brincadeiras na infância e vida escolar

A criança precisa que se crie possibilidades de aprendizagem, por exemplo: numa aula de matemática, na qual, a criança precisa raciocinar e muitas vezes quebrar a cabeça tentando resolver algum problema, então caberia aí uma brincadeira ou um jogo, pois os mesmos despertariam na criança um entendimento melhor dos problemas a serem resolvidos, dessa forma a aula não seria cansativa, mas, divertido, e chamaria mais atenção do que o coleguinha ao lado.

As brincadeiras e os jogos dão a oportunidade para que a criança viva, de certa forma, a “realidade”. Portanto, “a brincadeira representa a possibilidade de solução do impasse causado, de um lado, pela necessidade de ação da criança e, de outro, por sua impossibilidade de executar as operações exigidas por essas ações”. (REGO, 1995, p. 82). A criança cria situações imaginárias que ainda não podem viver na realidade, por isso mesmo, é que ela se realiza quando brinca.

Os jogos e brincadeiras possibilitam à criança viver uma realidade que por enquanto está distante da sua, conseqüentemente abre caminhos para o desenvolvimento mental, cognitivo, psicológico, físico, etc. Neste sentido, Rego, ainda confirma esse pensamento dizendo que: “A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos que ela tem acesso.” (1995, p. 82).

A brincadeira possibilita à criança a agir sobre o objeto de estudo ou sobre a situação estudada, dando assim responsabilidades às crianças.

As autoras Fontana e Cruz explicam de forma mais clara e interessante que:

Agir sobre as coisas é a principal forma de que a criança dispõe para conhecê-las, compreendê-las. Nesse período, ela tenta atuar não apenas sobre as coisas às quais tem acesso, mas esforça-se para agir como adulto: quer, por exemplo, dirigir carro ou fazer comida. (1997, p. 122).

É por esse motivo, que nas brincadeiras as crianças geralmente fazem papel de adultos e até mesmo na vida real. As crianças brincam não para preencher o tempo vago, porque não exercem atividades mais pesadas como os adultos. A criança brinca e se diverte e parece que sempre foi assim, mas, houve uma época em que ela tinha que se comportar como adulto. Ao crescer tornava-se um adulto meio desequilibrado em várias áreas de sua vida.

Assim fica claro que: “brincar é sanidade – física e mental.” (VELASCO, 1996, p. 31). Dessa forma, a brincadeira abre o caminho para o equilíbrio afetivo, intelectual, humano e físico e não pode ser dispensada na vida de um ser humano.

CAPÍTULO IV

4 – MEMÓRIAS DE UMA PRÁTICA RECENTE

Neste capítulo será tratada a importância da prática na formação docente no curso de pedagogia, pois a teoria sem a prática não forma um bom professor, como também as brincadeiras colocadas em prática na sala de aula, levando a teoria deste trabalho para educação das crianças.

4.1 – A prática dentro da formação profissional

Esta etapa do trabalho abordará a vivência da prática, tendo a teoria como suporte para a construção da formação profissional. É incrível como no início de um curso superior tudo parece ser fácil, sonha-se em colocar em prática toda a teoria estudada, mas na verdade quando se depara com a prática, então fica bem mais complicado. Não dá para utilizar tudo o que se aprende, mas um bom professor sempre consegue um jeito de trabalhar muitas dessas teorias em sua aula.

... quais as teorias pedagógicas que orientam a prática do professor, que, por sua vez, é reflexo de um determinado projeto político e de uma concepção de educação? Como nos tornamos professores? Como construímos nossas práticas? Além disso, a análise dos aspectos estruturais da sala de aula (disposição física), as relações interpessoais, os aspectos organizacionais e didático-pedagógicos do processo de ensino-aprendizagem permitem que o aluno, numa perspectiva de reflexão sobre a ação encaminhe-se para a produção de novas ações, não se limitando à simples transferência e aplicação de teorias ou de conteúdos. (BARREIRO, 2006. p. 99)

É natural que o graduando chegue até o período do estágio cheio de dúvidas, incertezas e medos. Interessante os questionamentos que Pimenta faz: “Como vou dar aula se não tenho prática? O que fazer para ficar bem preparado para a sala de aula? Esse curso vai mesmo me ensinar a ensinar?” (2004. p. 99). O aluno estagiário ainda se encontra inseguro daquilo que aprendeu na universidade, pois não está habituado a esse novo quadro, de está no lugar de professor. A insegurança, o medo e questionamentos são normais para quem está dando início a uma carreira profissional.

Até que ponto o estagiário tem elementos teóricos para construir uma reflexão crítica sobre as vivências do estágio? Como fazer para que as reflexões feitas com o professor formador e com os colegas ultrapassem os limites do senso comum pedagógico e do meramente observável? O estágio como reflexão da práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na atividade docente. (PIMENTA, 2004. p. 103).

Nesse caso, quando houver dúvida, procurar alguém que já tem experiência com sala de aula, é recomendável e importante, pois a troca de experiências é riquíssima para a construção da nossa experiência. A troca de conhecimentos é algo fundamental na prática. Além da contribuição de toda a teoria estudada durante o curso, as experiências dos outros são de fundamental importância.

Nem sempre o estágio é o principal instrumento para edificar uma experiência de sala de aula, é necessário mais que um estágio, é preciso um trabalho em conjunto, a escola, o professor, os educandos e os pais. Cada membro que forma o corpo, que é a escola, é de importância grandiosa em toda essa construção do saber ensinar. Como afirma Pimenta:

[...] o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos e comunidade escolar e universidade trabalhem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas... a realidade dos professores nessas escolas, entre outras. (2004. p. 100).

A vivência na universidade e os discursos são bem diferentes da realidade que se encontra quando parte pra escola. Muitas vezes, até mesmo com relatos de profissionais que desanimam o estagiário na sua prática.

O estagiário vai se deparar com muitos professores insatisfeitos, desgastados pela vida que levam, pelo trabalho que desenvolvem e pela perda dos direitos historicamente conquistados, além dos problemas do contexto econômico-social que os afeta. Assim, é comum os estagiários serem recebidos na escola com apelações do tipo: “Desista enquanto é tempo!” e “O que você, tão jovem, está fazendo aqui?”.(2004. p. 104)

Essa realidade é muito desconfortante para o estagiário, pois já está cheio de questionamentos e de inseguranças. Causa ainda confusões nos planos de se esforçar para ser o melhor professor. Por isso é muito importante para o estagiário ter a sua opinião e decisão formada em ser educador, para que não sejam comentários de pessoas insatisfeitas com a sua profissão, que venham mudar o seu desejo de ensinar.

Em meio a tudo isso, o estagiário ainda encontra-se com muitos alunos nos cursos de pedagogia que exercem o magistério. Sempre tem alguns casos de alunos que não querem fazer o estágio, porque já tem a prática de sala de aula, Pimenta destaca bem essa realidade:

[...] os orientadores de estágio supervisionado e de prática de ensino se defrontam com indagações como: “Posso ser dispensado do estágio? Porque preciso fazer essa disciplina? Posso trazer uma declaração de uma escola onde já trabalhei?”. (2004. p. 99).

Seria uma preocupação a menos para esses alunos. Novas experiências não fazem mal a nenhum educador, pelo contrário sempre são bem vindas. Em suma, o estagiário só poderá ganhar experiência para uma boa qualificação exercendo o seu papel de educador, na prática.

Colocar a escola como local de aprendizagem da profissão de professor significa entender que é na escola que o professor desenvolve os saberes e as competências do ensinar, mediante um processo ao mesmo tempo individual e coletivo. Internalizar saberes e competências significa “saber encontrar e pôr em prática respostas apropriadas ao contexto na realização de atividades” [...]. (LIBÂNEO, 2004, p. 35).

Nada melhor do que a própria escola para causar um grande desenvolvimento, no que diz respeito a ser o melhor educador possível. A partir do momento em que o educador encontra respostas diante da prática que adquiriu para formular atividades com seus educandos, é que o profissional competente entra em cena na educação.

4.2 As brincadeiras na prática da sala de aula

Depois de ter falado sobre as brincadeiras na aprendizagem e desenvolvimento da criança, o estágio foi o momento de aplicar toda a teoria sobre as brincadeiras. Apesar de receber críticas de alguns pais e de alguns professores de que as crianças não podem brincar na sala de aula, é muito gratificante ver que todo o trabalho desenvolvido quando colocado em prática funciona muito bem.

Trabalhar com brincadeiras é muito cansativo, mas, é muito gostoso. As crianças da turma onde o estágio aconteceu ainda não estavam habituadas a ter as brincadeiras como instrumentos da sua própria aprendizagem. “Percebi que trazer algo novo para a sala deixa os

educandos agitados... Decidi introduzir as brincadeiras aos poucos, em algumas aulas para eles se acostumarem.” (DIÁRIO DO ESTÁGIO, 31/08/2010). O trabalho com as brincadeiras aconteceu poucas vezes, por causa do costume das crianças, mas de forma bem trabalhada.

Em uma das aulas de matemática foram utilizadas algumas brincadeiras para que os educandos fixassem os conteúdos que já haviam estudado.

Serão utilizados jogos e brincadeiras para aprofundar o conhecimento e a aprendizagem dos educandos. Por meio do tangrã, material dourado, dominó com multiplicações e dama. Serão divididos em grupos e faremos uma gincana. (PORTFÓLIO, 17/09/2010).

Neste dia, as crianças adoraram, inclusive conseguiram recordar os conteúdos que já havíamos trabalhado, de certa forma ficou mais fácil para firmar essa aprendizagem. “Foi um dia em que os educandos deram um pouco mais de trabalho para se comportarem, mas, no entanto, o aproveitamento da aprendizagem foi muito bom.” (DIÁRIO DO ESTÁGIO, 17/09/2010).

Abaixo estão algumas imagens desta aula:



Figura 1- Atividades dos educandos como jogo da dama.

Fonte: Portfólio



Figura 2 - Atividades encontradas no Portfólio - aula do dia 17/09/2010 – os educandos como jogo do tangrã.

Fonte: Portfólio



Figura 3 - Atividades dos educandos com o material dourado.

Fonte: Portfólio.

No início do estágio, as crianças estranharam um pouco a realização de atividades lúdicas, de jogos e brincadeiras, mas depois gostaram, acostumaram-se e principalmente assimilaram a aprendizagem às brincadeiras.

Os primeiros dias de estágio foram como que uma adaptação das aulas e atividades integradas com jogos e brincadeiras, mas os alunos não tiveram nenhuma dificuldade em realizá-las. A atividade que mais gostaram foram os de quebra-cabeças dos animais vertebrados e invertebrados, os jogos dos 7 erros e o jogo de dados. Estas foram as atividades que chamaram mais atenção dos educandos, não só por serem novas, mas pela aprendizagem.

A aula de ciências foi uma revisão sobre os animais vertebrados e invertebrados, “Os educandos montarão um quebra-cabeça para fixar melhor o conteúdo trabalhado. O quebra-cabeça será montado a partir das figuras expostas no quadro.” (PORTFÓLIO, 26/08/2010).
Segue a foto da atividade para melhor ilustrar:



Figura 4 - quebra-cabeça dos animais vertebrados e invertebrados.
Fonte: Portfólio.

Em geografia, quando trabalhamos Zona rural e Zona urbana, foi utilizado o jogo dos 7 erros. “As crianças gostaram muito a forma que foi usada o jogo. Ficaram muito empolgados para jogar e descobrir o que iam aprender depois.” (DIÁRIO DO ESTÁGIO, 31/08/2010). O jogo dos 7 erros dessa aula mostra uma paisagem da zona rural, veja abaixo:

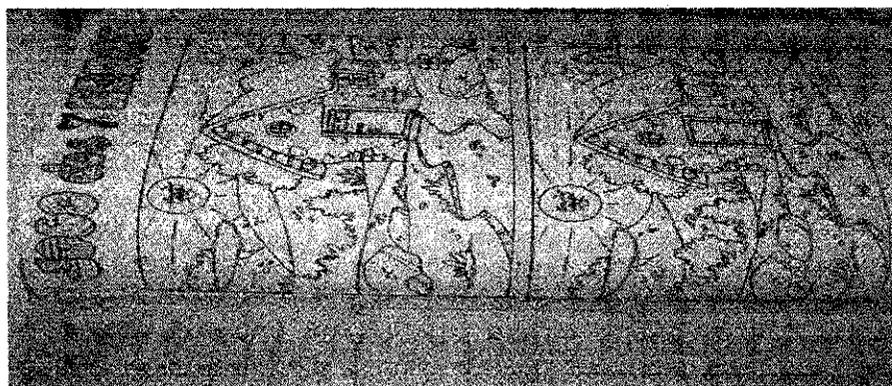


Figura 5 - Atividades encontradas no Portfólio: aula do dia 31/08/2010 – Jogo dos 7 erros.
Fonte: Portfólio

Quando a criança vê a imagem, ela liga ao conteúdo a ser estudado. “Nesta aula utilizaremos o jogo dos 7 erros com uma paisagem rural para dar início a aula de geografia, os educandos descobrirão os 7 erros para trabalharmos a percepção deles e pra ficar mais claro o conteúdo das paisagens rural e urbana.” (PORTFÓLIO, 31/08/2010).

As crianças que tem muitas dificuldades em matemática, sonham em ter aulas mais claras, para que haja aprendizado, principalmente se tratando de “continhas”. Dessa forma, uma das aulas mais chamativas foi quando utilizamos o jogo dos dados, com o objetivo de “melhorar o aprendizado e a capacidade de resolver continhas de adição, subtração e multiplicação por meio de jogos e brincadeiras.” (PORTFÓLIO, 01/09/2010). Desta maneira as crianças poderiam unir o útil ao agradável, brincar e aprender. Abaixo está a imagem da atividade:

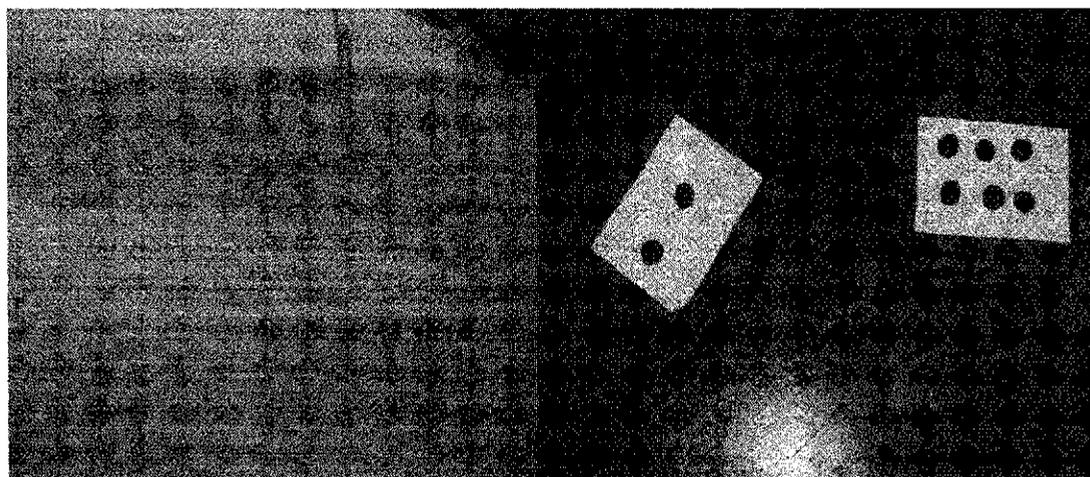


Figura 7 - Atividades encontradas no Portfólio: aula do dia 01/09/2010 – Jogo de dados. A esquerda as continhas e a direita os dados.

Fonte: Portfólio

As crianças superaram suas expectativas neste dia, mas, o mais importante é que, conseguiram entender melhor como resolver as continhas. Foi assim que aconteceu:

Dividimos a turma em duas equipes, a equipe dos meninos e outra das meninas. Então um jogador de cada time jogava o dado, (havia um dado para cada equipe) o número que caísse havia uma continha para o jogador resolver, venceu a equipe que respondeu mais continhas corretas. (DIÁRIO DO ESTÁGIO, 01/09/2010).

Os educandos ficaram muito empolgados e os resultados foram surpreendentes. Principalmente se tratando de matemática, uma disciplina em que normalmente se tem mais dificuldade. Mas é como já foi exposto, quando a aula chama a atenção dos educandos e provoca a sensação de desafio, torna-se mais gostoso de aprender.

CONCLUSÃO

No mundo de hoje, que se encontra tão desfigurado em termos de educação, princípios, ética e valores, a escola tem a função de restaurar tudo isso que se encontra perdido e que as nossas crianças não sabem nem se quer o que significa. É papel do professor restabelecer a vivência de cada um desses termos na vida da criança. E porque não, de maneira divertida, com as brincadeiras?

A escola existe exatamente para proporcionar a educação, a aprendizagem e o desenvolvimento, cabe ao professor e à instituição atingir essa demanda. O educando precisa encontrar suporte e segurança nas aulas do seu professor.

Diante de todo o exposto neste trabalho e das experiências vivenciadas, tem-se a certeza de que as brincadeiras têm um papel importante e que todo profissional na área de educação deveria assumir o papel de brinquedista na sala de aula. Não importa o trabalho que vai dar preparar materiais e a cansaça que vai ser aplicar os mesmos na aula, principalmente com as crianças de hoje, que são completamente inquietas.

A criança já nasce brincando, aprende a ser adulto brincando de ser o pai ou a mãe, a trabalhar brincando de imitar um grande empresário, e a ser um grande jogador de futebol brincando de fazer gol... Poderiam ser elencadas várias atividades em que a criança aprende a fazer e a ser brincando.

Então, porque não proporcionar tanta aprendizagem e desenvolvimento por meio das brincadeiras e jogos na sala de aula?

É preciso lembrar também, que a criança tem o direito de brincar, de viver a infância, de gastar suas energias aprendendo algo por meio das brincadeiras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação Lúdica: TÉCNICAS E JOGOS PEDAGÓGICOS**. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

ANGOTII, M. **Educação infantil: para que, para quem e por quê**. Campinas: Editora Alínea, 2006.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. **Prática de ensino supervisionado dna formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: A criança o brinquedo e a educação**. 3 ed. Summus editorial; São Paulo, 1984.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré de. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FONTES DOCUMENTAIS DE CAMPO – Cajazeiras –PB. 23 de agosto a 21 de setembro, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5. ed. São Paulo; Atlas, 2007.

KISHIMOTO, Tizulo Morchida. **Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5 ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MALUF, A. C. M. Brincar. In: _____ (Org) **Brincar: prazer e aprendizado**. Petrópolis :Vozes, 2003.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2 ed. Fortaleza: Edições Democrática Rocha, 2002.

MIRANDA, Nicanor. **210 jogos infantis**. Editora Itatiaia Limitada, 1993.

NETO, Carlos Alberto Ferreira. **MOTRICIDADE E JOGO NA INFÂNCIA**. 2 ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1999.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar: determinantes, conseqüência e ações**. Brasília: Liber Livro Editora 2005.

PIMENTA, Selma Garrido (org). LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PORTFÓLIO, Arquivo dos planos de aula e das atividades utilizadas no estágio – Cajazeiras-PB. 23 de agosto a 21 de setembro, 2010.

SANTOS, Jurandir dos. **História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação**. Disponível em <<http://www.zonadigital.com.br/redes>>. Acesso em 26 de outubro 2010.

TRALDI, Maria Cristina; DIAS, Reinaldo. **Monografia passo a passo** (trabalho de conclusão de curso). Cmpinas, 6ª ed. São Paulo: Editora Alínea, 2009.

VALESCO, Cacilda Gonçalves. **Brincar, o despertar psicomotor**. Rio de Janeiro-RJ: Sprinto Editora, 1996.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

ENTREVISTA

→ Quando na sua turma há brincadeiras na sala, quando a professora traz alguma brincadeira para a aula, você participa?

→ Participa mesmo?

→ Como é que você participa?

→ Você gosta quando esses momentos de brincadeiras na sala?

→ Pra você qual a importância das brincadeiras na sala de aula; é... quando tem brincadeiras na sala na hora de estudar, na hora em que a professora vai ensinar alguma matéria. Se para você é importante e qual a importância dessas brincadeiras para você?

→ Essas brincadeiras ajudam a você entender melhor as matérias ou não?

→ Não? Não ajudam em nada?

→ Quando têm brincadeiras na aula você gosta?

→ E as brincadeiras que a professora traz para sala de aula, ela traz só como momento de lazer para os alunos ou quando ela está ensinando alguma matéria para vocês entenderem melhor?

→ Mas vocês brincam no sentido de só se divertir mesmo ou ela traz o joguinho de acordo com o que ela está ensinando a você?